

## UMA LEITURA DO ROMANCE ZUMBI DOS PALMARES DE LEDA MARIA DE ALBUQUERQUE NORONHA

Karla Cristina Eiterer Santana<sup>1</sup>(UFJF)  
Enilce do Carmo Albergaria Rocha<sup>2</sup>(UFJF)

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo ampliar os meus estudos dentro do romance: Zumbi dos Palmares de Leda Maria de Albuquerque. Analisarei aspectos relacionados com a diáspora, com o exílio, com a identidade e com a representação dos negros dentro do romance. O meu interesse é fazer com que, a partir das minhas leituras sobre essa narrativa, a obra possa ser divulgada no meio acadêmico e tenha o reconhecimento como merece. Zumbi dos Palmares é um romance que retrata momentos importantes da História do Brasil e que tem muito a nos dizer sobre os negros: sua trajetória e a busca incessante, pela afirmação de sua identidade e pela preservação da sua cultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Zumbi. Negro. Diáspora. Exílio. Identidade. História.

O presente artigo tem como objetivo apresentar a escritora Leda Maria de Albuquerque Noronha, autora praticamente desconhecida, criadora da **narrativa Zumbi dos Palmares**. A escritora carioca formou-se em Direito, em 1943, ano em que recebeu o prêmio Humberto de Campos (da editora José Olímpio) e o prêmio de contos da Academia Brasileira de Letras, ambos pela publicação de *A Semana de Miss Smith* (José Olímpio, Rio de Janeiro, 1944). Leda Maria de Albuquerque Noronha interessou-se pelas personalidades históricas que militaram em favor da liberdade dos negros, publicando outra obra acerca desta temática: *Princesa Isabel*, peça em coautoria com Elza Osborne, vencedora do prêmio de teatro da Academia Brasileira de Letras. Também publicou *Julho/10*, texto teatral vencedor do prêmio Darcy Vargas, no ano de 1942, sob os auspícios do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Através da narrativa *Zumbi dos Palmares*, proponho algumas reflexões sobre a articulação entre Literatura e História, analisar os elementos constituintes da visão sobre o negro na sociedade brasileira inscritos na obra literária e o acréscimo que a literatura traz para o discurso histórico, acerca do mesmo tema.

Serão discutidas também questões que têm sido estudadas, contemporaneamente, por intelectuais de diversas áreas: em especial os Estudos

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> Professora Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Culturais. Abordarei fatores recorrentes como: a diáspora, a memória, o exílio, a História, a identidade e a representação.

Para articular uma análise crítica tomo como referência as reflexões dos seguintes autores: Édouard Glissant, Frantz Fanon, Homi K. Bhabha, Stuart Hall, Michael Foucault, Silvia Hunold Lara, Paul Gilroy, Michael Pollack, Zila Bernd, Michel Bruneau, Roger Chartier, e Prisca Agustoni.

A relevância dessa pesquisa se dá pela conscientização, da necessidade de tornarem-se audíveis essas vozes, silenciadas por tanto tempo, e de fortalecer o discurso que reafirma a importância do negro para a formação histórica do nosso país. A desconstrução dessa ideia pode ser reafirmada de acordo com a crítica negativa de Foucault (1996), a respeito da legitimação do discurso não ser para todos, pois há sempre uma ordem de quem pode falar, quando e a quem irá direcionar-se.

Como nos alerta Bernd (1998), cumpre reivindicar esse espaço, ainda não conquistado na sociedade, para autores que estão à margem. Precisamos trazê-los para a superfície e fazer com que sejam legitimados. Há muitos que contribuíram imensamente para esta causa, como Leda Maria de Albuquerque, publicando seu livro em 1944 e até hoje desconhecida nos ambientes acadêmicos. É preciso dar o tão merecido crédito a esse texto que emite uma riqueza imaterial, embora ainda não consagrado, o seu discurso foi capaz de atravessar o tempo, podendo dialogar com autores da nossa contemporaneidade.

## 1. O resumo da obra *Zumbi dos Palmares* de Leda Maria de Albuquerque

Aquele que ama a liberdade a ponto de morrer por ela, nunca foi verdadeiramente um escravo. (ALBUQUERQUE, 1978, p. 80).

*Zumbi dos Palmares* é, sem dúvida, uma narrativa que, quando mergulha no passado mostra a importância da liberdade e da democracia, resgata e edifica a cultura do povo afrodescendente, ressaltando a honra destes que lutaram pela liberdade até o fim. A obra *Zumbi dos Palmares* divide-se em oito capítulos.

A narrativa inicia-se com a decisão de fuga de um negro (Bambuza), da fazenda de Pedro Silva para o quilombo dos Palmares “serra dos negros livres”.

Bambuza obtém sucesso em sua fuga, chega ao quilombo de Palmares, passa por provas e torna-se um verdadeiro guerreiro ao lado do rei Zumbi, vindo a ser um general.

Após seis meses, Bambuza passa a ser responsável pelas ligações entre os quilombos e numa de suas viagens, reencontra Tonga, o qual também havia sido escravo, na fazenda de Pedro Silva.

A complicação deste enredo se dá depois de os dois conversarem: Bambuza descobre que **o governador Dom Pedro Almeida** preparava uma expedição contra Palmares. A partir daí, Tonga fica responsável de fazer chegar até Zumbi todas as informações que lhe interessassem.

Cientes do interesse de Pedro de Almeida pela destruição dos quilombos e da organização de uma expedição contra Palmares, Bambuza decide buscar armas de fogo na fazenda de Pedro Silva. Na invasão da fazenda, todos os empregados são rendidos, Pedro Silva e o feitor são mortos. Bambuza descobre que sua mãe morreu no tronco por não contar sobre a fuga dele.

O clímax deste enredo se dá quando Zumbi reúne seus malungos (companheiros) e comunica-lhes que, devido à perseguição empreendida pelos inimigos dos quilombolas, decidiu abandonar o quilombo de Sucupira com os seus; manda colocar fogo em tudo, para que o inimigo não possa aproveitar do trabalho de seu povo. Quando os inimigos chegam à altura de Sucupira, o fogo havia destruído tudo, então o governador retorna a Porto Calvo (**Alagoas**) sem dominar Zumbi. Assim, **o governador Pedro de Almeida** tem a ideia de fazer acordo de paz a Zumbi, em troca de terras próximas ao rio Cacaú e da liberdade de Zumbi e de seu povo.

Zumbi, devido ao seu dever de rei, aceita o acordo de paz, pensando na felicidade de seu povo. Entretanto, **João Lucas, o chefe dos fazendeiros**, usa do acordo para armar outra expedição contra Palmares e alega estar a serviço do rei de Portugal.

Tonga, agora escravo do governador, leva a informação a Zumbi de que estava sendo traído por Pedro Almeida, e quando consegue chegar ao encontro de Bambuza, fala sobre a traição do branco. Morre logo a seguir, devido ao esforço que precisou fazer, para chegar até lá com o seu ferimento que reabriria na perna.

Mais uma vez o povo de Zumbi escapa e vive por dezesseis anos no novo quilombo da salvação, uma nova capital que se situa na encosta da serra Gigante, atravessada pelo rio Mundaú. Novamente, **outro mensageiro de Porto Calvo, Zulu**, envia a Zumbi uma mensagem, dizendo que **Jorge Velho (bandeirante paulista)**

assinara um contrato com os representantes do rei de Portugal, comprometendo-se a destruir Zumbi e seu reino em troca das terras de Palmares e os súditos de Zumbi como escravos novamente.

Após a partida das tropas, Zulu junta-se aos guerreiros de Palmares. Ele e Bambuza desconfiam de traição. Zulu quer verificar a existência do traidor e acaba sendo surpreendido, enquanto reconhece um mulato que havia visto muitas vezes na casa de seu senhor. O mulato dá-lhe uma facada próxima ao coração. Bambuza sente a falta de Zulu, vai procurá-lo. Surpreende o espião; domina-o, porém não pode salvar o seu companheiro o qual consegue apenas dizer que reconheceu o espião, despede-se e morre. Após ser levado a Zumbi, o traidor é decapitado e em seguida é atirado no campo inimigo. Posicionadas as tropas para a batalha, começam a avançar, mas Zumbi e seu povo resistem.

O desfecho inesperado se dá, quando Zumbi percebe que, após muitas lutas, já não pode impedir os ataques e a chegada de reforços do inimigo, o quilombo está dominado pelos invasores. Zumbi dirige-se aos seus súditos e mostra-lhes um caminho para a liberdade: joga-se, “digno e calmo”, do precipício. Seus generais o seguem. Quando Jorge Velho chega à beira do precipício, vê apenas o sangue de Zumbi e de seus companheiros.

## **2. Memória, identidade e História.**

No romance *Zumbi dos Palmares*, Zumbi e seus malungos são representados como seres humanos que possuem uma identidade, uma memória e uma história. Nessa narrativa há um convite para que revisemos o nosso imaginário social e confrontemos as histórias que nos são apresentadas a fim de percebermos as contradições históricas, e fazermos com que a crítica acadêmica chegue aos arquivos, conforme o desejo de solidariedade, expressado por BhaBha (2013).

Partindo da História hegemônica, da história de Zumbi e os habitantes de Palmares, a autora traz uma versão que reescreve essa epopeia, numa tentativa de resgatar tais aspectos importantes da representação da memória desse líder e de seus companheiros, destacando aspectos relativos às identidades individuais e coletivas.

Através dessa reescritura, nasce uma nova possibilidade de interpretação, de uma história que até o momento, optou por eleger a versão dos oficiais da coroa portuguesa. E, como nos alerta Gilroy (2001), é urgente, nos círculos acadêmicos,

apresentar as histórias que mostram os negros como agentes, como seres dotados de capacidade cognitivas e donos de uma história intelectual.

De acordo com Pollak (2016), memória além de ser um fenômeno individual, algo que remete às coisas íntimas, de uma pessoa, deve também ser entendida como algo pertencente ao coletivo e social. Portanto, a memória pode sofrer mudanças a todo tempo, devido às suas variações e flutuações.

Essa característica mutável da memória, segundo as afirmações de Pollak (2016), permite que, ao contar uma história, uma pessoa, que tenha vivido um acontecimento juntamente com outra, ou até com um grupo, possa rememorar os fatos de maneira diferente, assim como, eleger partes que considere mais significativas, enquanto para as demais pessoas, talvez, não tenham o mesmo valor. Como discute Lara (1996), ao levantar a grande questão sobre as controvérsias existentes a respeito dos estudos que contemplam Palmares, pois, apesar do investimento historiográfico, há confusão de dados, datas, lugares, etc.

A figura de Zumbi, embora seja percebida na maioria das vezes, como a representação de uma coletividade do povo negro, no romance em questão, podemos perceber os aspectos da identidade individual, tanto quanto da coletiva.

Bambuza, o personagem que dá início a narrativa com sua fuga, para Palmares, sempre ouvira sobre Zumbi, sobre sua força, seu poder, sua liberdade. E tudo que ouvia sobre Zumbi e seus companheiros o faziam sentir como se pertencesse a essa coletividade. Nessa perspectiva, Zumbi era o salvador que acolhia os negros livrando-os do opressor:

Então começou a pensar em como seria recebido no quilombo. Lembrava-se do que ouvira contar sobre Zumbi, de como ele era livre, forte e poderoso, recebendo em sua cidade inexpugnável todos os negros tristes e cansados de gemer sob o chicote do feitor. (ALBUQUERQUE, 1978, p.15)

Zumbi é representado nesse trecho como um libertador, alguém que possui um poder e que tem uma identidade. Mas assim como ele, os demais possuíam também, características marcantes de um povo heroico.

As personagens, nessa versão, fazem parte de descrições que as enquadram como vencedoras, como bons modelos de grupo, como pessoas que deveriam merecer respeito e credibilidade. Esse trabalho discursivo é de grande relevância, pois um grupo

que era visto antigamente, como propriedade (coisa), passa a agente de sua história. Como afirma Pollak a respeito da produção da identidade:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas (...). (POLLAK,2016, p.5)

Na escrita desse romance histórico é perceptível a preocupação com a questão da conservação da memória e da recuperação da identidade desse grupo integrante do quilombo de Palmares. De acordo com Pollak (2016), a memória é política podendo ser motivo de disputa entre várias organizações. Assim sendo, se um grupo é descrito da maneira positiva, terá aceitabilidade social. Como podemos comprovar no trecho que descreve Zumbi, o grande líder: “Era mais alto do que qualquer dos generais e muitíssimo mais forte. A pele, de um negro retinto e brilhante, esticava-se sobre o peito largo e os braços musculosos.” (ALBUQUERQUE, 1978, p. 24).

A reafirmação da identidade negra, como um grupo de pessoas honradas, também pode ser percebida, no trecho que fala sobre leis e sentenças do povo quilombola. Essas leis eram expressas através da oralidade, de provérbios (sentenças), enunciados os quais funcionavam como diretrizes que deveriam ser seguidas pelos habitantes do quilombo: “A lei do quilombo proíbe matar e roubar os companheiros.” (ALBUQUERQUE, 1978, p. 29). Tais comportamentos remetem à credibilidade e aceitabilidade social.

### **3. Exílio, diáspora e representação.**

O exílio e a diáspora dos negros são fatores recorrentes nesse romance histórico. Percebemos claramente a preocupação da autora em contribuir para o resgate e edificação da história dos afrodescendentes.

Há marcas diaspóricas que são recorrentes do início ao fim da narrativa: como as saídas forçadas de um quilombo para o outro. O cativo obriga-os ao exílio. E o que lhes mantém vivos e fortes para a luta é a importância que dão à cultura e às suas identidades. Cada malungo (companheiro) guarda consigo a preservação de seu povo, a lembrança perpétua de seus antepassados e da mãe África (sua pátria). São sustentados diariamente pela palavra (os provérbios) e pela esperança desse retorno às suas origens.

Sonham em poder encontrar seu povo e colocarem os seus pés cansados em sua Terra (África).

A fuga de Bambuza marca o início das sucessivas diásporas a que é submetido. Após a travessia de seu povo pelo Atlântico, a escravidão, a servidão e o exílio lhe foram impostos. Bambuza é forçado a fugir para se livrar da escravidão. Sua saída tem por objetivo encontrar o quilombo dos Palmares, onde o rei é um negro, aquele que acolhe e que luta por todos os negros.

A busca pelo retorno à sua pátria e ao seu povo são pensamentos que prevalecem como o maior ideal de Bambuza. Ele pisava pela primeira vez na Terra prometida, como se Palmares fosse o paraíso negro, sua casa: a África. “Bambuza queria antes de tudo ser livre e a liberdade estava lá, no quilombo da salvação.” (ALBUQUERQUE, 1978, P.14).

Bambuza não quer mais ser chicoteado, decide partir para a Serra. Ele quer deixar a fazenda onde era escravizado, oprimido e humilhado, para ser livre outra vez. Justifica: “Lá está Zumbi, Mãe. Lá um negro é livre outra vez.” (ALBUQUERQUE, 1978, P.10). Esse momento em que Bambuza decide partir é muito importante, mostra a coragem do negro escravizado que deseja sair do exílio, reencontrar o seu povo - pessoas da sua raça e da mesma cor de pele - e resgatar a sua liberdade. Os quilombolas preservavam a união comunitária que é o laço mantedor das práticas identitárias.

Para sustentar as colocações sobre diáspora parto das reflexões de Bruneau (1998), que a define como dispersão de uma etnia ou de membros dessa etnia e de Hall (2003), que a define como deslocamento físico, de uma região para a outra, de um continente para o outro. Diante desses pensamentos, podemos afirmar que a história dos negros inicia-se por uma trajetória diaspórica, uma diáspora forçada: uma escravidão. Perderam o direito de exprimir suas crenças, língua e modo de vida.

No Brasil, durante o período da escravidão, a forma como eram tratados os negros confirma a desvalorização identitária a que eram submetidos os escravos. Segundo Hall (2005) a identidade muda de acordo com a maneira que é representada. Sendo assim, a maneira como o homem negro foi rebaixado e desvalorizado, até perder sua identidade, foi fruto de um discurso que tinha essa intenção, pois como endossa Chartier (1990) não há discurso neutro, portanto as representações são construídas.

A migração involuntária ocorre nos momentos em que Zumbi e seus amigos são obrigados a sair do quilombo devido à ameaça de invasão do branco. Deixa o lugar onde vivia em comunidade, abandonaram suas casas e suas plantações. A fim de não permitir que os invasores desfrutassem das plantações, do fruto do trabalho deles, Zumbi diz: “Retirem tudo o que lhes pertence, porque eu vou mandar queimar a cidade e destruir as plantações. O branco não se aproveitará mais do nosso trabalho.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.46).

Há também outro trecho interessante, marcado pela presença da diáspora, quando Zumbi define para Bambuza como alguém pode ser considerado escravo: “aquele que é feito escravo por uma força maior do que a sua.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.28). Isso é exatamente o que aconteceu com os negros que foram trazidos contra a vontade para o trabalho forçado no Brasil.

Os quilombolas vão para um novo quilombo (da salvação) e vivem por dezesseis anos, mas novamente, devido à outra invasão, são forçados a partir. Mesmo lutando, não conseguem vencer os inimigos.

Zumbi e seus companheiros que restaram decidem refugiar-se no rochedo, local que era rodeado por uma ruína imensa, onde corria o Mundaú (rio). Infelizmente lá é o último ponto a que conseguem chegar. Para preservarem sua dignidade e não se submeterem a escravidão decidem seguir o rei Zumbi que os conduz para um salto do precipício.

Há muitas passagens na narrativa marcadas pela violência e pela dor. Devido à fuga de Bambuza, sua mãe foi chicoteada até a morte pelo feitor que pretendia, através dessa violência, fazê-la falar, entregar o paradeiro de seu filho. “Amarraram a velha no instrumento de suplício.” (...) “No tronco, o suplício de Si’Ana continuava. Grossas gotas, mistura de sangue e de lágrimas, escorriam-lhe pelo rosto contraído de dor”. (ALBUQUERQUE, 1978, p.12-13). Essa cena descreve a opressão, a crueldade e a humilhação impostas aos negros. Era uma das maneiras com as quais eles eram castigados.

Antes de morrer, Si’Ana faz uma prece que reforça as marcas da sua identidade africana: sua crença, cultura e esperança: “Zumbi, recebe o meu filho! Grande Zumbi, mais forte e poderoso do que o branco torna livre o meu filho.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.13).



No instante da morte da mãe de Bambuza, outras mulheres que estavam presenciando essa triste cena também levantaram seus olhos para o céu e fizeram uma prece: “Que o Zumbi do céu proteja o Grande Zumbi da terra. Que Bambuza chegue em paz ao quilombo da salvação e da liberdade.” (ALBUQUERQUE, 1978, p.13).

O não apagamento de suas memórias era o principal objetivo dos grupos dispersos pela diáspora, por isso tentavam manter os seus laços e não esquecer suas memórias:

“Caía a noite. Era a mesma hora em que, longe, na fazenda, a velha Si’ Ana (o seu nome africano já fora há muito tempo esquecido) (...)” (ALBUQUERQUE, 1978, p.14) Esse trecho refere-se a mãe de Bambuza, ilustra muito bem as consequências da escravidão, contra as quais os negros lutavam: o esquecimento, o apagamento da identidade africana.

O romance Zumbi dos Palmares traz exemplos relacionados à cultura e à identidade de um povo que deixou marcas profundas na nossa cultura. Como afirma Agustoni (2006), é fundamental repensarmos o processo de escravidão, para entendermos a herança cultural que nos foi deixada e agregada a nossa cultura.

### **Considerações finais**

O romance de Leda Maria de Albuquerque revela uma nova face da história brasileira. Quando a autora narra a história de Zumbi e seus companheiros, apresenta um outro modo de entendermos as nossas raízes, nossa cultura e a nossa história. A partir dessa leitura podemos construir uma consciência crítica a respeito do povo brasileiro.

A autora contribuiu para uma leitura da presença dos afrodescendentes no Brasil, mostra a necessidade de uma revisão histórica aliada à construção de uma literatura crítica, voltada para os temas dos grupos minoritários – dentre os quais figuram os negros e estimula a maturação de uma consciência crítica sobre as relações multiculturais da sociedade brasileira. E nos convida a repensar, a observar, a cultivar um olhar crítico diante daquilo que foi instaurado. Devemos considerar o reflexo do sofrimento, da injustiça e da humilhação provocados pelo passado de servidão, pois essa herança não pode ser esquecida. É quando refletimos sobre a dor, que somos capazes de lutar e não permitir que esse tipo de barbaridade volte a acontecer, pois como observa Fanon (2008), o negro foi colocado num dilema entre branquear ou desaparecer.

Como destaca Glissant (2005), é preciso incluir-se nesse outro, com o objetivo de desfazer o discurso produzido a respeito do negro no decorrer desses anos. Trabalhar para que não haja mais desigualdade entre os homens. Mostrar o quanto as fronteiras se tornaram fluidas e que todas as culturas precisam ter o seu reconhecimento de direito.

Reescrever ou reinventar esse passado que foi silenciado, rever esse momento de humilhação, é o que nos permite perceber o quanto essa situação de escravidão, essa diáspora forçada, esse exílio imposto pelo afastamento da terra natal, trouxe de consequências, de sofrimento para aqueles que tiveram que abrir mão da sua humanidade, sendo rebaixados à condição de uma máquina ou de um animal.

Apresentar o orgulho quilombola, mostrar o heroísmo e a resistência do povo negro é também mostrar a importância do continente africano, para os que foram obrigados a abandonar a África - Terra mãe - e para os seus descendentes. É importante destacar e, acima de tudo, valorizar o que o Brasil herdou dos africanos e como estes influenciaram nossa cultura.

## REFERÊNCIAS

- AGUSTONI, P. Signos do Atlântico Negro em trânsito: algumas vozes da poesia de língua portuguesa contemporânea. In: ALBERGARIA, E., RIBEIRO, G., BRUNO, R. (Orgs.) *Vozes (além) da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africanas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006. p. 119-133.
- ALBUQUERQUE, Leda Maria. *Zumbi dos Palmares*. 2 ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.
- BERND, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BRUNEAU, Michel. *Espaços e territórios de diásporas*. Tradução Lucy Magalhães [s.l.], 1998.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria da Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Tradução. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

POLLACK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p 200 – 212. Disponível em: <[http://www.pgedf.ufpr.br/ downloads/ Artigos %20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf)>. Data de acesso: 27 jan. 2016.

REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *A liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTANA, K. C. E. *Por trás das paliçadas de Palmares: uma reescrita da história de Zumbi por Leda Maria de Albuquerque Noronha*. In. Simpósio em Literatura, Crítica e Cultura – Disciplina, Cânone: Continuidades e Rupturas. 6., 2012, Juiz de Fora. Anais. Juiz de Fora: Darandina Revisteletrônica, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/09/Por-tr%C3%A1s-das-pali%C3%A7adas-de-Palmares-Artigo-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-do-Simp%C3%B3sio.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2013.